

CLARICE LISPECTOR E MEMÓRIA

PET LETRAS UFAL

ENTREVISTA

Nádia Battella Gotlib

Como de costume, a cada edição da Revista Areia, o grupo PET Letras publica uma entrevista com um/a ou mais convidados/as da Semana de Letras. Antes de apresentar a professora entrevistada, vamos contextualizar brevemente o evento.

Em 2021, a escolha da temática da XIII Semana de Letras foi marcada pelo bicentenário do poeta francês Charles Baudelaire e pelos 95 anos da chegada da escritora Clarice Lispector em Alagoas, entre outras datas importantes, como a morte do professor Alfredo Bosi, o aniversário de 98 anos da escritora Lygia Fagundes Telles e os 80 anos de nascimento da linguista Maria Denilda Moura.

O tema “Flanar pelos tempos da memória” faz alusão ao termo *flâneur*, recorrente na obra *Flores do Mal* (1857), do poeta francês. A ideia de perambular pelas ruas da cidade, observando e sentindo as nuances da paisagem e das pessoas em movimento, fez refletir sobre a vivência na cidade nos tempos de isolamento e distanciamento social. Como diz o texto de apresentação da Semana “(...) nos dias atuais, resta para nós – poetas ou não -, apenas a possibilidade de flanar por memórias de um tempo onde tudo era diferente e refletir sobre a relação presente-passado-futuro”.

Nessa conjugação entre flanar, tempo e memória, surgiu a ideia de organizar uma mesa comemorativa dos 95 anos da passagem de Clarice Lispector por Alagoas – *Clarice Lispector e memória*, com a participação das professoras doutoras Susana Souto (UFAL), Flavia Trocoli (UFRJ) e Nádia Battella Gotlib (USP). Esta última foi convidada para uma entrevista na qual discorre sobre sua vasta experiência como leitora e pesquisadora das obras de Clarice Lispector.

Desde 1971, Nádia Gotlib atua como professora da USP; atualmente, como colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Também ministrou cursos e desenvolveu pesquisas em outras universidades brasileiras e estrangeiras, como a Universidade de Oxford e a Universidade de Buenos Aires. Quando se trata de pesquisa sobre a obra de Clarice Lispector, Nádia Gotlib é considerada uma grande referência, uma vez que realiza estudos sobre Clarice desde a década de 1980.

Pergunta 1: Em 2020, numa entrevista para o Itaú Cultural, a senhora mencionou que houve um tempo em que era possível ler tudo sobre Clarice. Hoje em dia, sabemos que não é mais assim, devido à ampla divulgação da imagem e da obra da autora. Em que momento e por quais razões a senhora acredita que houve essa mudança em relação à recepção da obra de Clarice Lispector por parte do público leitor e dos críticos literários?

De fato, houve um aumento considerável de textos, sobretudo acadêmicos, centrados na leitura da obra de Clarice Lispector. Basta você examinar os bancos de teses que mostram um grande número de trabalhos defendidos, em nível de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado, livre docência. Esse aumento fez com que, atualmente, ficasse quase impossível dar conta de toda essa bibliografia. Quem estuda Clarice não pode se queixar da falta de bibliografia, mas do excesso. O papel do orientador torna-se então muito importante, no sentido de fazer uma triagem anterior para que os orientandos não fiquem endoidecidos com a montanha de textos a serem lidos.

No momento escrevo um livro sobre a escritora Elisa Lispector, irmã de Clarice Lispector, e a fortuna crítica significativa não passa de uns quinze, vinte títulos. Nesse caso, há poucos títulos. Por vezes temos bibliografia que nos surpreende pelo excesso, por vezes pela escassez.

Comecei a estudar Clarice no começo dos anos 80 e tive acesso a trabalhos defendidos em vários países, como nos Estados Unidos. E acompanhei os textos escritos por aqui, que estavam mais próximos de nós. E o número de cursos sobre Clarice foi aumentando gradativamente. Quando eu ministrei o primeiro curso de pós-graduação na USP, em 1983, não havia lá curso de pós com enfoque apenas na narrativa da Clarice Lispector. Havia vários outros cursos, sobre vários outros autores, mas especificamente sobre Clarice Lispector não havia.

No entanto, logo após o lançamento do primeiro romance de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, em dezembro de 1973, textos críticos da maior qualidade começaram a ser escritos e publicados, como, por exemplo, os de Antonio Candido e Lucio Cardoso, entre tantos outros. Naquela época já havia, portanto, uma boa crítica sobre a sua obra e ela teve a felicidade de ir contando também com leitores assíduos. Depois veio Benedito Nunes, que acompanhou a obra de Clarice dos anos 1960 em diante. Esses são apenas alguns exemplos.

Quanto ao papel da internet na divulgação da obra de Clarice, há que considerar que se trata de uma colaboração positiva e negativa. Eu já ouvi muita gente citando textos de Clarice em conferências nacionais e internacionais, achando que eram de Clarice e não eram. Por isso

é preciso analisar com muita atenção os modos de divulgação da autora, porque há os que são confiáveis e há os que não são confiáveis.

Pergunta 2: Considerando essa grande produção sobre Clarice Lispector, a senhora acha que pode intimidar os novos pesquisadores? Alguém pode pensar: “já há tantos trabalhos, como posso colaborar de forma significativa para essa área?” Acho que é um medo dos estudantes, principalmente quando se trata de uma autora muito conhecida.

Acho que é uma consideração válida, porque com esse número de textos críticos fica difícil buscar a originalidade, mas cada pessoa é uma, cada pessoa lê de um jeito. Acho muito difícil alguém ler Clarice sem ter um toque muito pessoal, mesmo porque a literatura que ela praticou facilita esse tipo de recepção empenhada. Não é uma literatura calcada na objetividade, é uma literatura que envereda pelos labirintos da mente humana e isso faz com que cada uma receba essa literatura de acordo com o repertório de leituras que tem e também com o conjunto de sua experiência de vida pessoal.

Ela toca as pessoas muito profundamente. No momento da leitura não vale apenas o conhecimento de informações que se tem da autora, de suas obras, da crítica, ou seja, do que se falou e do que se escreveu a respeito da sua obra. É muito importante essa disponibilidade do leitor para receber o livro, tentando se deixar levar pelo texto e, portanto, abrindo as comportas para o que der e vier em termos de experiências de leitura: sensações, emoções, críticas... É um vasto repertório de modos de atingir o leitor, que depende muito de cada um e da situação de cada um em determinada época de vida.

Você pode ler Clarice de um jeito na juventude, depois pode mudar na maturidade e na velhice. Essas mudanças podem ser consideradas como um termômetro da literatura de qualidade: ela se abre para múltiplas leituras, em diferentes tempos. Ela me acompanha desde a juventude e eu já tive diferentes leituras de uma mesma obra. É natural que isso aconteça, porque também a leitura depende de nós, de quem somos, de quando estamos sendo, de onde estamos, do que já lemos até aqui. A bagagem intelectual e sensorial que carregamos repercute no modo de ler. Clarice mais ainda, no sentido de que em alguns textos seus, instiga o leitor a mergulhar nas profundezas da alma.

Pergunta 3: Em *A hora da estrela*, temos a protagonista Macabéa, que vive numa cidade que age contra ela durante a narrativa. Também no conto “Restos de carnaval”,

no livro *Felicidade clandestina*, existe uma forte relação entre a protagonista e a cidade, que está no clima oposto ao ambiente social em que a menina vive. Essa relação entre a cidade e as personagens de Clarice Lispector é algo constante em sua obra? Poderia falar um pouco sobre essa relação?

Há vários trabalhos que abordam essa questão da relação entre personagens e lugares ou espaços de locação das personagens. Vamos começar por *A cidade sitiada*. Clarice constrói um romance à base da imagem de uma cidade com uma divisão desses espaços, cada um ali representando alguma coisa, em relação aos episódios, em relação aos personagens, aos tempos vividos por cada um. A cidade se chama São Geraldo. E há uma definição muito detalhada dos limites interiores das casas, ela se detém em cadeiras, móveis, etc. Podemos ver que nesse romance ela explora tanto os espaços maiores quanto os menores, sobretudo os espaços da intimidade da personagem.

A Clarice viajou muito. Ela nasceu viajando, porque saiu recém-nascida da Ucrânia para o Brasil e chegou ao nordeste com um ano e três meses. Quem experimentou isso tudo foi a irmã, Elisa, que nessa época tinha nove anos. Clarice viveu no Recife, no Nordeste; viveu no Rio de Janeiro; depois morou em Nápoles, na Itália; morou em Berna na Suíça; morou no sul da Inglaterra; por sete anos morou perto de Washington, nos Estados Unidos. E conheceu várias cidades da Europa, da África e da América do Norte também. Isso deve ter repercutido muito nessa experiência de vida das suas personagens. Mas, como você bem disse, o Nordeste está muito dentro dela. Ela dizia que se sentia uma nordestina, uma carioca, além de, por tradição, ser uma ucraniana descendente de judeus ucranianos e russos – pois naquela época a Ucrânia pertencia à Rússia.

Sobre o Nordeste, é curioso, porque há certas coincidências entre a personagem Macabéa e a própria Clarice. Não se pode dizer que uma é a outra, mas há coincidências. Ela morou em Alagoas, em Maceió, e Macabéa é alagoana; a personagem veio para o Rio para melhorar de vida, assim como a família de Clarice. Clarice dizia que gostava das comidas e da música nordestinas. Então a cultura nordestina ficou muito entranhada em Clarice. É natural que, ao escrever, aconteçam coincidências, que, contudo, não permitem que se façam relações de semelhança absoluta entre uma e outra, porque se trata de ficção, que é o resultado de uma mistura. Não se sabe onde termina a experiência e onde começa o imaginário.

A cidade tem suma importância na obra de Clarice, não só a cidade de Recife, no Nordeste, mas também o espaço carioca urbano e suburbano. Na cidade do Rio de Janeiro é que ela situa a personagem Macabéa: mulher pobre, que tem uma vida miserável e que, portanto,

traduz aquilo que acontecia com milhões de brasileiros e brasileiras, e que acontece ainda mais hoje em dia, com cerca de milhões de desempregados. Ela é muito atual nesse aspecto. E Macabéa tem uma coisa boa: ela vive a violência social, mas também tem esse lado interessante, que é o de viver sem consciência social. Ela não tem malícia, não briga com ninguém e vive numa espécie de limbo, em que ela se dá o prazer de ser, ainda que contando com pouco ou quase nada. Ela é, de certa forma, a que vive *Perto do Coração Selvagem*, a que vive como os animais da Clarice, que não indagam, mas vivem plenamente. Clarice admira muito os animais, entre eles, Ulisses, seu cão de estimação –, e os admira porque eles simplesmente ‘são’, ‘estão sendo’.

Eis um tópico muito evidente na literatura de Clarice. E podemos dizer, então, que a Macabéa vive nesse limbo, perdida num mundo que não era seu e sem perceber que a ele não pertencia. A sensação do leitor é desagradável, por vezes lhe vem um sentimento de culpa; e é ruim para quem escreve, a personagem Rodrigo M. S., narrador da história, que cria essa nordestina pobre. Macabéa produz no leitor indignação e revolta contra fatos que não deveriam existir: a miséria, a fome vividas pelo nordestino no Rio de Janeiro e, por extensão, por outras populações desvalidas. Mas Macabéa em certos momentos experimenta a ambição de ser feliz. Só quem é ingênua pode ter essa ambição sendo quem ela era, tanto que esse desejo é mesmo impossível de se concretizar. Ela morre atropelada! Quer dizer, ela vive numa cidade que não é feita para ela. E acaba sendo alijada da forma mais violenta possível, ainda mais por um Mercedes-Benz... Ironia terrível! Fica patente o poder da cidade: a carga de violência social, que acende em cada um de nós a revolta contra tal situação.

Pergunta 4: No livro *Teoria do Conto*, a senhora faz um percurso histórico sobre os teóricos desse gênero literário e suas definições. Diante desses estudos, como a senhora observa e analisa a produção desse gênero na literatura de Clarice, especificamente?

A produção de Clarice é muito diversificada no que diz respeito a gêneros. Ela escreveu romances, contos, cartas, páginas femininas - cerca de 450, registradas por Aparecida Maria Nunes ainda na época em que não havia internet. E os contos também são muito variados entre si. Há contos que parecem crônicas, há contos que são clássicos, com começo, meio e fim, clímax no meio, às vezes clímax no final. Existe uma diversidade muito grande nos modos de contar o conto. Alguns parecem diários, outros incluem fragmentos inacabados, como “A quinta história”, cuja quinta história é composta apenas pelo título, sendo que o resto fica a cargo da imaginação do leitor.

Esse livro que publiquei em 1985, *Teoria do conto*, reúne uma parte da matéria que pesquisei, uma seleção de modos de se teorizar o gênero conto, aliás, muito resumida, porque não poderia ultrapassar o número de 100 páginas. Então, dentro daquele repertório, um dos maiores e mais importantes itens seria o da epifania, considerada como algo que de repente acontece e que traz uma espécie de revelação, um *insight*. Benedito Nunes e Olga de Sá levaram adiante essa proposta. O outro critério, dentre os muitos existentes, a partir de Edgar Allan Poe, é o do efeito único. Se o romance é longo, tem várias células, às vezes com a mesma importância, tem vários núcleos episódicos que vão se entrelaçando, o conto não, o conto, segundo Allan Poe, tem que ser lido de uma única vez e tem um efeito único: toca você em algum momento. É aquilo que na fotografia também chamam de “o ponto”: seus olhos são dirigidos para aquele ponto da foto e não para um outro.

Poderia percorrer várias teorias do conto, e exemplificar com diferentes modos de a Clarice contar os seus contos, com variações do clássico ao experimental. A escritora não adere a apenas uma estrutura de conto. E mostra variação tanto de linguagens, às vezes mais fluidas, até a linguagem mais crua, como em *A via crucis do corpo*, em que todos os textos são contos sobre sexo, feitos por encomenda. E voltados à predominância do nível episódico.

Pergunta 5: Em suas pesquisas e falas percebe-se que, além de revisitar e lembrar a vida e obra de Clarice Lispector, a senhora também coloca em foco a vida e a escrita de Elisa Lispector, irmã da autora. No seminário internacional *Um século de Clarice Lispector*, realizado em 2020, a senhora deu uma palestra nomeada *Por que ler Clarice? Poderia nos falar um pouco sobre por que ler Elisa?*

Eu comecei a ler Elisa por causa da Clarice, porque ela conta o que a Clarice não contou. Esse é o motivo básico que me levou até a obra de Elisa: ela conta a história da família. Se não fosse a Elisa, eu não poderia ter feito um capítulo sobre como viviam na Ucrânia, como foi a viagem da família para o Brasil, como eles chegaram a Maceió e lá viveram durante três anos até se mudarem para Recife.

Clarice conta detalhes que podemos considerar como sendo de ordem autobiográfica, mas não se propõe a escrever sobre eles como se fossem uma história mesmo da família. E os dados são parcos. E têm outra feição. Estão mais ligados à proposta do imaginário, à construção da própria ficção, em que ela enxerta alguns dados autobiográficos, de modo que o leitor acaba admirando o texto mais pela ficcionista do que pela historiadora. Com a Elisa é o contrário, ela realmente assume a função de registrar a história da família.

Em segundo lugar, a Elisa cultivava a cultura judaica. Clarice, não. Elisa adotou a religião judaica dos ancestrais, dos pais, dos avós. Clarice, não. Elisa pesquisava sobre assuntos referentes à cultura judaica, escrevia sobre eles e participava de associações religiosas do Rio de Janeiro. Isso não acontecia com a Clarice, que tomou outro rumo no seu processo de adaptação à cultura brasileira. Eu não critico a Clarice, eu quero dizer que das três irmãs cada uma teve um modo diferente de se adaptar a uma nova cultura.

Um terceiro ponto se refere à produção literária de Elisa, Ela escreveu onze livros, não é pouco! Elisa escreveu sete romances, três livros de contos e um livro de memória, sendo que um desses romances também é autobiográfico. Cultivou três gêneros, além de outros, de caráter jornalístico. Vou me fixar só nesses mais ligados à ficção e à história. Mas o que existe nesses onze livros? É o que estou tentando dizer no livro que estou escrevendo. Cito um aspecto que acho importante: ela escreve bem, mas de modo mais tradicional, mais conservador, menos alucinante. Ela não tem o gênio da Clarice, mas trata-se uma escritora razoável, com alguns lances que eu acho que são muito bons.

Um dos temas que ela explora, e a Clarice não, é a questão dos personagens funcionários públicos, mergulhados na burocracia da vida administrativa brasileira, tema, aliás, muito interessante se bem explorado na ficção. Os personagens encontram-se envolvidos por uma certa angústia, pelo “mesmismo”, pela repetição insossa. Por outro lado, há certas marcas comuns entre as duas irmãs. Encontramos uma Elisa clariciana, ou uma Clarice elisiana, quando abordam tópicos como a solidão da mulher, a separação de casais, a necessidade de construir sua própria liberdade, de libertar-se de certos grilhões de uma sociedade patriarcal, machista e conservadora.

Pergunta 6: Para homenagear os cem anos de nascimento de Clarice Lispector, a senhora gravou um vídeo que foi exibido na Festa Literária de Santa Maria, em que falou sobre a importância da escritora para o movimento de emancipação da mulher no Brasil, apesar da Clarice não se considerar feminista. Como as personagens femininas nas obras de Clarice, na época em que foram lançadas, contribuíram para a mudança de perspectiva perante a mulher na sociedade brasileira e como contribuem ainda em um período como este em que se observam na literatura, cada vez mais, as relações entre escrita e as questões sociais, como as de gênero, por exemplo?

Desde o começo de sua carreira literária e jornalística, Clarice colaborou para o movimento de emancipação da mulher. Seu primeiro texto, o conto intitulado “Triunfo”

publicado em 25 de maio de 1940 na revista *Pan*, no Rio de Janeiro, quando Clarice tinha dezenove anos, registra a força da mulher diante das adversidades. A personagem fica sozinha, o marido vai embora porque disse que ela o atrapalhava no seu projeto de escrever um livro.

Ele a abandona e ela descobre, através de um bilhete dele, que ele era uma pessoa mesquinha, ou seja, ela descobre finalmente quem efetivamente era o seu companheiro. Foi preciso que ele se afastasse para ela tomar conhecimento de quem ele era e de quem ela própria era, porque como a personagem afirma no conto, “antes, ele era tudo”. Veja só que horror! Uma mulher depender totalmente do que o homem é! A constatação foi uma experiência avassaladora para essa personagem. Depois que ele foi embora, ela redescobre o mundo. Olha para as coisas, lava roupa, toma um banho de água fria e conclui: “eu sou forte”. E quer que o companheiro volte porque ela gosta dele. Esse banho de água fria no conto funciona até como espécie de batismo, de ingresso numa outra vida, que ela consegue montar a partir do afastamento dele e da sua própria solidão. É um conto que mostra que o outro nunca é tudo, que cada um tem que ter sua própria vida. Podemos estar perto das pessoas, mas carregamos uma certa solidão, que nos ensina a rever as coisas, a se redescobrir, a se recolocar em novas situações, seja na ordem sentimental ou social, e que temos força para resistir e vencer esses problemas todos.

É muito assunto para um texto escrito por uma moça de dezenove anos! Repito sempre: é o primeiro conto que publicou e é um conto fundamental porque ali aparecem as diretrizes fundamentais da sua produção literária subsequente. Ela já afirmava, numa carta de 1941 ou 1942 para a irmã, que literatura era a coisa mais importante para ela, mais importante até que o amor. Nesse início de carreira literária ela já definiu a sua proposta de vida. Ela sabia o que queria desde sua mocidade: fazer literatura. E vai se aperfeiçoando no trabalho de construção estética, desde textos mais simples, até outros mais complexos, em que aprofunda sua capacidade talentosa de percepção da mente humana, como no romance *A paixão segundo G.H.*

A personagem G.H. encarna esse percurso de construção da libertação da mulher, se desvencilhando de todos os invólucros que a civilização nos impõe - normas, regras. A certa altura, ou de forma real ou imaginária, temos que fazer esse caminho para reencontrar aquilo que é vital, primordial, instintivo, selvagem. Por isso, Macabéa tem um lado negativo e tem um positivo: vive no “estar sendo”. “Estar sendo” é essa capacidade de se deixar levar pela vida, por aquilo que se tem de mais vital, identificado nesse romance como o “de dentro da barata”.

Esse é o alvo da Clarice: sua linguagem, nada panfletária, denuncia discriminações e preconceitos. Com o advento da pandemia, convivemos mais de perto com a morte. E

experimentamos as agruras de um governo com impulsos autoritários. Só não considero esses nossos tempos como período pior que uma ditadura declarada, tal como nos anos sessenta, que eu acompanhei. Embora eu não tenha sido presa, não tenha sido torturada, vi amigos sendo presos, sendo torturados e mortos. Agora vivemos uma espécie de governo forte e ditadura disfarçada. É um governo militarizado, mas que tenta desestabilizar instituições democráticas. Quanto mais autoritário é um governo, mais perigosa fica essa experiência de construção de liberdade daquele que quer ser livre. E infelizmente há os que nem percebem que são aprisionados a uma “cadeia”, vamos dizer assim, de pensamentos, de ideias, etc. Só obedecem, obedecem e obedecem! Os artistas são pessoas livres, têm esse ímpeto e enxergam o que os outros não enxergam. Querem ser livres! É para isso que existe a arte, para que possamos viver no imaginário o que às vezes não podemos viver na vida real e para que possamos acreditar que os sonhos podem se tornar realidade. Então, a Clarice sempre foi muito lúcida ao escolher nos conduzir por esse caminho, que é o da construção da liberdade. É por isso também que hoje ela é tão importante para a gente.

Pergunta 7: A senhora comentou em um vídeo que Clarice Lispector faz uma crítica social de dentro pra fora. Na sua visão, essa sutileza no modo de denunciar a realidade social é uma das características que tornam a obra da autora tão fascinante para o público dileitante, ou seja, para aqueles que se interessam mais pela experiência de leitura do que por fazer uma crítica literária e reconhecer essa sutileza na crítica? Ou isso pode, de alguma maneira, servir de entrave interpretativo na apreensão do texto literário?

Clarice dizia que ela era simples como Bach. Quando você lê Clarice, não precisa recorrer a dicionários. Talvez haja apenas uma ou outra palavra desconhecida. E a sintaxe é muito clara, com poucas inversões. E o mundo dela é um mundo nosso, concreto. E nos mostra os modos de se construir um percurso de construção da liberdade através de vários estágios. Veja o exemplo da personagem G.H.: “estou procurando... estou procurando... estou tentando entender o que me aconteceu”. E afirma: “eu quero dar isso a alguém, mas a quem?”. A narrativa levanta indagações e nos leva para um território que ela também desconhece. Nós acreditamos na ficcionista. Se ela está procurando, vamos procurar junto com ela.

Mas veja bem: a crítica social é muito intensa nesse romance. A personagem mora num apartamento de cobertura, é escultora, vive muito bem, tem prestígio, dá festas maravilhosas. Quando entra no quarto de empregada, que, aliás, já fora embora, reconhece que a empregada tem nome e é Janair, uma negra. Ali, pelas mãos de Janair, a empregada autora do desenho que

G.H. vê na parede do quarto de empregada - um homem, uma mulher, um cão - G.H se reconhece, ali levada pelo desenho feito pela empregada, quase por uma magia. E acaba reconhecendo até as feições da Janair, que antes era uma simples prestadora de serviços, não era gente. Existe aí violenta crítica social. A classe alta trata a empregada como simplesmente aquela que presta serviço, sem nem reconhecer o rosto, nem lembrar o nome. Está ali por quê? Porque é quase uma escrava. Temos ali então dois lados de uma mesma sociedade: um deles nos mostra o que temos de não humano, de animal selvagem, que simplesmente é; outro lado nos mostra o processo de humanização do outro, a descoberta de Janair como gente, quando G. H. reconhece a sua empregada doméstica em experiência que lhe mostra uma noção outra do mundo. Ela descobre o outro.

A literatura da Clarice é de respeito pelo outro. Só precisamos seguir as imagens: quem é a Janair no romance? Quem é a G.H. no romance?

Depois desse episódio, ainda há outro, em que G.H. contracenava com a barata. Ela vai até o extremo da sua própria selvageria, que é de devorar o “de dentro” do outro e incorporar essa matéria viva pulsando, que é a barata, o elemento primordial. Então, ela vive uma mulher entre as mulheres, assim como existe a barata entre as baratas. E chega àquela experiência da sua própria condição de espécie humana. *A Paixão segundo G.H.* é um dos melhores romances que eu já li na minha vida! E nesse caminho, haja imagem interessante e criativa! Cada linha traz uma imagem original. E depois ela vai dançar, escolhe um vestido, escolhe outro e se manda, já está livre. É uma lição também de liberdade que corresponde mais ou menos ao banho de água fria do tanque, por Luísa, personagem do seu primeiro conto publicado.

Clarice mostra coerência no que faz. E acho que existe uma diferença de nível de qualidade estética entre seus textos. Se muitos abordam a questão da construção da liberdade, alguns desenvolvem essa abordagem de modo mais direto. É o caso das crônicas, como a intitulada *Crianças chatas*, primeira crônica publicada no volume *A descoberta do mundo*: a criança não dorme porque tem fome e a mãe fica irritada porque não tem como fazer a criança dormir, ou seja, nada tem para lhe matar a fome. É o caso também da crônica *Mineirinho*, que é conhecidíssima, em que está patente a crítica à violência policial. A literatura de Clarice Lispector não apenas nos mostra o ‘ver’ objetivamente o outro. É mais do que isso. Ela nos leva a experimentar o que é a tragédia humana das injustiças sociais.

Referências

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco digital, 2019.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.

Entrevistadoras:

Laysdemberg Tavares Rodrigues

Maria Clara de Lima Barros

Thalyta Vasconcelos de Siqueira

Transcrição:

Cristiana da Silva Oliveira

Ingrid Soares de Melo M. dos Santos

Larissa da Silva Barbante

Larissa Almeida Benjamim

Lavínia Olga Dorta Galindo Pedrosa Ferreira

Wanneska Thaymmá Vieira Silva de Andrade

Retextualização:

Nádya Battella Gotlib